

## Subjetividade Humana

Você já teve dificuldades ao se deparar com um tema reflexivo ou abstrato demais? Se sim, saiba que você não é uma exceção. Muitos alunos “travam” quando se deparam com temáticas como amor, amizade, inveja, ciúmes e afins. Ao que parece, refletir sobre sentimentos tão intrínsecos a nós mesmos parece ser mais árduo do que discutir o panorama da fome no Brasil ou as medidas ambientais necessárias. Justamente para tornar mais fácil esse trabalho, propomos este eixo temático.

1) O sistema dos pecados capitais constitui uma das formas de definição do comportamento da sociedade cristã. Friedrich Nietzsche, no século XX, coloca em questão esses valores ao criar a teoria do “Super-Homem”. De que forma se estabelece esse debate?

2) Embora esses sete comportamentos sejam considerados pecaminosos, não podemos considerar seus opostos como virtudes ideais. Demonstre de que forma se pode atingir o que se entende como comportamento ideal segundo os princípios cristãos.

### CONTEXTUALIZANDO

#### ORIGEM - Como Surgiu o Conceito dos Sete Pecados Capitais

De acordo com o livro *Sacred Origins of Profound Things* ("Origens Sagradas de Coisas Profundas"), de Charles Panati, o teologista e monge grego Evagrius de Pontus (345 d.C. – 399 d.C.) teria escrito uma lista de oito crimes e "paixões" humanas: gula, luxúria, avareza, melancolia, ira, acedia (preguiça espiritual), vaidade e orgulho – em ordem crescente de gravidade. Para Evagrius, os pecados ficavam piores à medida que se tornavam mais egocêntricos, com o orgulho como supra-sumo dessa fixação do ser humano em relação a ele mesmo. No final do século VI d.C., o Papa Gregório reduziu a lista a sete itens, trocando "vaidade" por "orgulho", "acedia" por "melancolia" e adicionando "inveja". Para fazer seu próprio ranking, o pontífice colocou em ordem decrescente os pecados que mais ofendiam ao amor: orgulho, inveja, ira, melancolia, avareza, gula e luxúria. Mais tarde, outros teólogos, como São Tomás de Aquino, analisaram novamente a gravidade dos pecados e fizeram mais uma lista. No século XVII, a Igreja substituiu "melancolia" – um pecado vago demais – por "preguiça". Assim, hoje os sete pecados capitais são **gula, avareza, soberba, luxúria, preguiça, ira e inveja**.

(Fonte: "O Guia dos Curiosos", Marcelo Duarte)

1. Sabe-se que o Naturalismo explorou as patologias humanas em alto grau. Por isso, seus personagens são grandes exemplos de “pecadores”, por serem, em larga medida, amorais. João Romão, personagem central de “O Cortiço”, é dos mais famosos exemplos que a Literatura Brasileira nos oferece de **avareza**.

a) Qual a relação entre esse pecado e os princípios da sociedade de consumo. Explique.

b) Quais os mecanismos utilizados pela sociedade de consumo para tentar resolver esse paradoxo?

## INTERDISCIPLINANDO

Observe o fragmento a seguir, retirado de “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo:

*Desde que a febre de possuir se apoderou dele totalmente, todos os seus atos, todos, fosse o mais simples, visavam um interesse pecuniário. Só tinha uma preocupação: aumentar os bens. Das suas hortas recolhia para si e para a companheira os piores legumes, aqueles que, por maus, ninguém compraria; as suas galinhas produziam muito e ele não comia um ovo, do que, no entanto, gostava imenso; vendia-os todos e contentava-se com os restos da comida dos trabalhadores. Aquilo já não era ambição, era uma moléstia nervosa, uma loucura, um desespero de acumular; de reduzir tudo a moeda. E seu tipo baixote, socado, de cabelos à escovinha, a barba sempre por fazer, ia e vinha da pedreira para a venda, da venda às hortas e ao capinzal, sempre em mangas de camisa, de tamancos, sem meias, olhando para todos os lados, com o seu eterno ar de cobiça, apoderando-se, com os olhos, de tudo aquilo de que ele não podia apoderar-se logo com as unhas.*

4. Leia o texto e responda:

O homem torna-se invejoso quando desiste intimamente dos bens que cobiçava, por acreditar, em segredo, que não os merece. O que lhe dói não é a falta dos bens, mas do mérito. Daí sua compulsão de depreciar esses bens, de destruí-los ou de substituí-los por simulacros miseráveis, fingindo julgá-los mais valiosos que os originais. É precisamente nas dissimulações que a inveja se revela da maneira mais clara.

As formas de dissimulação são muitas, mas a inveja essencial, primordial, tem por objeto os bens espirituais, porque são mais abstratos e impalpáveis, mais aptos a despertar no invejoso aquele sentimento de exclusão irremediável que faz dele, em vida, um condenado do inferno. Riqueza material e poder mundano nunca são tão distantes, tão incompreensíveis, quanto a amizade de Abel com Deus, que leva Caim ao desespero, ou o misterioso dom do gênio criador, que humilha as inteligências medíocres mesmo quando bem sucedidas social e economicamente.

*Olavo de Carvalho Folha de S. Paulo, 26 de agosto de 2003*

A partir dos comentários acima reproduzidos, o que se pode entender como inveja?

5. Jair Ferreira dos Santos, analisando a sociedade contemporânea, diz “*Compra-se um Monza não tanto por suas qualidades técnicas, mas por seu design, seu nome nobre, seus signos de publicidade, que compõem uma imagem de status e bom gosto europeizados. Compra-se um discurso sobre o Monza.*”.

a) A partir do exemplo, desenvolva a idéia de Jair Ferreira dos Santos.

b) Demonstre, então, com base no texto, que o homem contemporâneo seria mais propenso a sentir inveja.

---

**Texto IV:**

Ganhar uma batalha, capturar o espólio, mas não consolidar tais realizações prediz perigo. Porque é um desperdício de tempo e de esforço.

Um soberano iluminado estuda deliberadamente a situação e um bom general lida cuidadosamente com ela. Se não é vantajoso, nunca envie suas tropas; se não lhe rende ganhos, nunca utilize seus homens; se não é uma situação perigosa, nunca lute uma batalha precipitada. Quando a situação lhe for favorável, entre em ação; quando for desfavorável, não aja. Deve ser entendido que um homem que está enfurecido voltará a ser feliz, e aquele que está indignado voltará a ser honrado, mas um Estado que pereceu nunca poderá ser reavivado, nem um homem que morreu poderá ser ressuscitado.

*Sun Tzu, A Arte da Guerra*

6. O livro de Sun Tzu, embora produzido há mais de dois mil anos, tem sido recomendado em vários cursos de pós-graduação em gestão empresarial pelo fato de poder ser lido como uma metáfora das relações humanas no mundo dos negócios.

- a) No trecho acima, qual dos pecados é colocado como obstáculo ao sucesso de um grande general?
- b) O trecho acima deixa implícito um conceito do autor no que diz respeito ao ser humano e à arte de ganhar guerras. Explícite-o.
- c) Em que medida esses conceitos podem, metaforicamente, se aplicar ao homem moderno?

**Texto V:**

Tiago estava ao meu lado. Falou no meu ouvido, mas o resto do grupo ouviu.

- Primeiro Abel, depois André... Se for por ordem alfabética...

O próximo seria Daniel. Todos me olharam.

- É coincidência.

- Pode ser. Mas eu, se fosse você, pulava o próximo jantar.

- Ou levava um antídoto para veneno - sugeriu Samuel.

O jantar do mês seguinte seria o do Samuel. Tínhamos combinado que Lucídio seria de novo o cozinheiro e que o jantar seria no meu apartamento, onde Lucídio já se sentia à vontade na cozinha.

- Não tem nada a ver. Ninguém foi envenenado na minha casa.

- Sei não, sei não.

- O Abel morreu trepando com a Gisela. O André morreu de parada cardíaca.

- Os dois morreram depois de um jantar do Clube - disse Saulo.

- No qual a comida era a preferida deles - acrescentou João, no meu outro ouvido.

- Coincidência. Se foi alguma coisa na comida, por que ninguém mais sofreu nada?

- Sei não, sei não.

*Luís Fernando Veríssimo, O Clube da Gula*

7. Veríssimo discorreu sobre o pecado da gula no livro *O Clube dos Anjos*. "É o pecado mais persistente. Com a idade, acaba o desejo sexual, a luxúria, mas a fome continua."

Tanto a luxúria quanto a gula podem ser relacionadas com a forma de o homem contemporâneo relacionar-se com seu mundo. Explícite essa idéia.

## INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

### Texto 1

#### Feliz dois mil e cínico

*O cenário continua o mesmo, as metas continuam dificílimas, mas pelo menos neste ano a retórica nas empresas vai ser muito melhor.*

O desemprego caiu! Todos os indicadores econômicos são estupendos! O fulgurante índice de confiança no governo sobe a cada minuto! E já não há mais vagas em hotéis cinco-estrelas, porque todos estão lotados de radiantes investidores estrangeiros que querem porque querem deixar seu dinheiro por aqui. A crise acabou e estamos no limiar de uma época de inaudita prosperidade. Este é mais ou menos o resumo das notícias publicadas no final do ano passado. E, o que é mais importante. Embora pareça impossível melhorar mais ainda do que já é deveras laudável, o ano de 2005 tem tudo para suplantiar as fenomenais conquistas de 2004!

Como todos devem estar notando, um grande país se faz com grandes adjetivos e com muitos pontos de exclamação. Por isso, nas empresas, o mais importante em 2005 nem será buscar objetivos praticamente impossíveis de ser atingidos. Isso acontecerá naturalmente. O importante, mesmo, será sair em busca de adjetivos. Como fez a Célia Rocha, que é gerente de uma multinacional de cosméticos. Ela já começou o ano com o pé direito: "até 2004, eu usava lentes. Neste ano, estou usando excelentes!"

E aí alguém diria: "Mas eu continuo desempregado". E continuará por muito tempo, se persistir nesse negativismo. O certo é dizer: "Eu sou um sucesso retumbante, temporariamente em estado de letargia empregatícia". Porque esse será o foco máximo das empresas em 2005: gente com atitude! E a primeira delas será aprender a falar o idioma corporativo oficial deste ano: o dois mil e cínico. Ele é baseado no evidente fato de que, como tudo está uma maravilha, as empresas exigirão de seus colaboradores resultados estratosféricos, para compensar décadas de atraso e penúria. E as respostas dos colaboradores terão de ser resplandecentes, como a situação exige e permite. Por exemplo, nos tempos do Brasil sem nenhuma esperança – ou seja, os tempos que começaram em abril de 1500 e duraram até dezembro de 2004 – se dizia:

- Já faz sete anos que não recebo aumento de salário.

E agora, no Brasil com a estóica confiança de dois mil e cínico, se dirá:

- Possuo uma esplêndida e inestimável experiência de sete anos na administração de recursos mínimos indispensáveis.

Evidentemente, algumas pessoas ainda não sentiram no bolso as consequências práticas da grande virada econômico-social brasileira. Essa gente voltou ao trabalho e deu de cara com o mesmo chefe ranzinza, exigente e mal-humorado, os mesmos problemas aparentemente insolúveis, o mesmo ambiente de desconfiança generalizada e a mesma falta de perspectivas que imperavam em 2004. E esses céticos profissionais, esses pessimistas incuráveis se põem a indagar se é mesmo possível ser otimista num cenário desses.

Até o ano passado, não era. Mas o colaborador dois mil e cínico já percebeu que este ano, mesmo sendo aparentemente igual a tantos outros na prática, será muito diferente na retórica. E a grande questão, para as empresas, tem sido esta: como passar uma mensagem consistente com as expectativas, mas ao mesmo tempo coerente com a realidade? Felizmente, um diretor dois mil e cínico que eu conheço resolveu o enigma quando anunciou, em grande estilo, para seus clientes e fornecedores:

- Podemos garantir, com inequívoca convicção, que este será o melhor 2005 da nossa história!

(Max Gehringer, revista Exame, 2 de fevereiro de 2005)

1. Uma figura de linguagem predomina ao longo de todo o texto “Feliz dois mil e cínico”. Qual é ela?
2. Explique o que Max Gehringer quis dizer ao afirmar que “um grande país se faz com grandes adjetivos e com muitos pontos de exclamação”.
3. Alguns elementos do texto ajudam a manter o tom humorístico. No 2º parágrafo, um em especial chama a atenção do leitor. Identifique-o.
4. Ser “politicamente correto”, no uso popular, significa abrandar a mensagem passada, utilizando uma linguagem de menor impacto. Retire do texto um exemplo de uso dessa tática.
5. A norma culta da língua é algo que prevalece tanto na linguagem jornalística quanto no texto dissertativo. Apesar disso, em artigos de jornal há uma maior liberdade, inclusive com a permissão do uso de palavras ou expressões que não são aceitas em uma dissertação. Destaque, do 3º parágrafo de “Feliz dois mil e cínico”, um exemplo de expressão que se enquadre nesse último caso, justificando a sua inadequação para o texto dissertativo.
6. Na frase “Já faz sete anos”, no 4º parágrafo, o verbo “fazer” foi utilizado com uma concordância que parece ser diferente da usual. No entanto, seu uso está correto. Explique por quê.
7. No 8º parágrafo, Max Gehringer utiliza um clichê adaptado, destacando sua idéia. A que expressão ele se refere e que mudança de significado ocorre quando ele faz a adaptação?
8. A presença do humor é notada em várias passagens do texto, mas o final, em especial, tem a intenção de fazer o leitor rir. De que forma o autor alcança isso?

---

## Texto 2

### Mãos dadas

Não serei o poeta de um mundo caduco.  
Também não cantarei o mundo futuro.  
Estou preso à vida e olho meus companheiros.  
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.  
Entre eles, considero a enorme realidade.  
O presente é tão grande, não nos afastemos.  
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,  
não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela  
não distribuirei entorpecentes ou cartas suicida,  
não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.  
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens  
presentes, a vida presente.

*(Carlos Drummond de Andrade)*

9. A segunda estrofe traduz uma proposta:

- a) evasista
- b) engajada
- c) sonhadora
- d) pessimista
- e) anti-poética

10. O poema constrói-se a partir de uma série de oposições. O confronto que não existe é:

- a) presente x passado
- b) pessoal x coletivo
- c) mundo novo x mundo caduco
- d) desunião x união
- e) tempo x espaço

---

## Gabarito

1. Ironia
2. Que, para se fazer um grande país, basta exagerar na forma de se referir a ele, não é preciso realmente ser grande em suas atitudes, conquistas, desenvolvimento... (*É importante lembrar ao aluno que o autor está sendo irônico ao falar isso*)
3. O jogo de palavras em “até 2004, eu usava lentes. Neste ano, estou usando excelentes!”
4. “Eu sou um sucesso retumbante, temporariamente em estado de letargia empregatícia” ou “Possuo uma esplêndida e inestimável experiência de sete anos na administração de recursos mínimos indispensáveis”.
5. “Ou seja”
6. Quando dá idéia de tempo decorrido, passado, o verbo *fazer* é impessoal.
7. A expressão usada normalmente é “isso funciona na prática, mas não na teoria”. Ao trocar “teoria” por “retórica” ele demonstra que há toda uma intenção de adornar, empolar aquilo que está sendo feito, tentando tornar mais pomposo, mas sem real eficiência prática.
8. Com a fala de um suposto diretor, em que ele afirma o óbvio, ao dizer que será o melhor 2005 da história, uma vez que só há um 2005.
9. E
10. E